



JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO: O JOGO DA LEITURA E DA ESCRITA

JOGADORES E TABULEIRO COGNIÇÃO E ALFABETIZAÇÃO: um lugar especial para poesia

**Solange Medina Ketzer
Setembro/2006**



CONVITE

José Paulo Paes

**Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.**

**Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.**

**As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.**



**Como a água do rio
que é água sempre nova.**

**Como cada dia
que é sempre um novo dia.**

Vamos brincar de poesia?



CONSTATAÇÕES PRELIMINARES

- período apto para aprendizado do ser humano: 0 a 5 anos de idade;
- o gênero poético auxília o desenvolvimento de potencialidades lingüísticas.



POESIA:

- entusiasmo criador;
- inspiração;
- encanto;
- graça;
- o que desperta o sentimento do belo;
- arte de escrever em verso.



POEMA:

- **composição em verso que se estrutura em estrofe(s);**
- **possui uma gramática própria;**
- **lida com o território da subjetividade, da imaginação criativa;**
- **desautomatiza diante do real;**
- **obriga o cérebro a se mobilizar em outras direções.**



POETA:

- **aquele que tem faculdades poéticas e se consagra à poesia;**
- **indivíduo capaz de expressar muitas idéias e sentimentos em poucas palavras.**



O POETA NA VISÃO DE HOWARD GARDNER:

- **exemplar máximo da inteligência lingüística, capaz de articular a téttrade lingüística:**
 - **semântica**
 - **sintaxe**
 - **fonética**
 - **pragmática**



O SILÊNCIO

Mario Quintana

Convivência entre o poeta e o leitor, só no silêncio da leitura a sós. A sós, os dois. Isto é, livro e leitor. Este não quer saber de terceiros, não quer que interpretem, que cantem, que dancem um poema. O verdadeiro amador de poemas ama em silêncio...



CANÇÃO DO AMOR IMPREVISTO

Mario Quintana

Eu sou um homem fechado.
O mundo me tornou egoísta e mau.

E a minha poesia é um vício triste,
Desesperado e solitário
Que eu faço tudo por abafar.



**Mas tu apareceste com a tua boca fresca de
madrugada,
Com o teu passo leve,
Com esses teus cabelos...**

**E o homem taciturno ficou imóvel, sem compreender
nada, numa alegria atônita...**

**A súbita, a dolorosa alegria de um espantalho inútil
Aonde viessem pousar os passarinhos.**



VIDA

Mario Quintana

**Não coma a vida com garfo e faca.
Lambe-se!**

Muita gente guarda a vida para o futuro.

**Mesmo que a vida esteja na geladeira,
se não a viver, ela se deteriorará.**

**É por isso que tantas pessoas se sentem
emboloradas na meia-idade.**

**Elas guardam a vida,
não se entregam ao amor,
ao trabalho, não ousam,
não vão em frente.**



Não deixe sua vida ficar muito séria,
saboreie tudo o que conseguir:
as derrotas e as vitórias,
a força do amanhecer e a poesia do anoitecer.
Com o tempo,
você vai percebendo que
para ser feliz
você precisa aprender a gostar de si,
a cuidar de si e,
principalmente,
a gostar de quem também gosta de você.



O MAPA

Mario Quintana

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(É nem que fosse o meu corpo!)
Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...



**Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)**



Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso...



INSCRIÇÃO PARA UM PORTÃO DE CEMITÉRIO

Mario Quintana

Na mesma pedra se encontram,
Conforme o povo traduz,
Quando se nasce - uma estrela,
Quando se morre - uma cruz.
Mas quantos que aqui
repousam
Hão de emendar-nos assim:
"Ponham-me a cruz no
princípio...
E a luz da estrela no fim!"



POEMINHO DO CONTRA

Mario Quintana

Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.

Eu passarinho!



DA DISCRIÇÃO

Mario Quintana

**Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.**

**E o amigo do teu amigo
Possui amigos também...**



CHAMEM O POETA

Dilan Camargo

Está torta a reta?
Chamem o poeta.
Não se alcança a meta?
Chamem o poeta.

A multidão se inquieta?
Chamem o poeta.
A platéia é seleta?
Chamem o poeta.

Algum mal nos afeta?
Chamem o poeta.
O Governo decreta?
Chamem o poeta.



**A conta é secreta?
Chamem o poeta.
A dama é discreta?
Chamem o poeta.**

**O ator não interpreta.
Chamem o poeta.
Não adiantou a dieta?
Chamem o poeta.**

**Ninguém segue a seta?
Chamem o poeta.
O avô renega a neta?
Chamem o poeta.**



O menino caiu da bicicleta?
Chamem o poeta.
O lixeiro não coleta?
Chamem o poeta.

Não sai a eleição direta?
Chamem o poeta.
Se um for pouco
Chame um enxame.

Não importa que mais chame
Do que amem o poeta.
Chamem o poeta!
Chamem o poeta!



GUARANÁ COM CANUDINHO

Sérgio Caparelli

Uma vaca entrou num bar
e pediu um guaraná.

O garçom, um gafanhoto,
tinha cara de biscoito.

Olhou de trás do balcão,
pensando na confusão.



**Fala a vaca, decidida,
pronta pra comprar briga:**

**- E que esteja geladinho
pra eu tomar de canudinho!**

**Na gravata borboleta,
gafanhoto fez careta.**



**Responde: vaca sem grana
Se quiser, vai comer grama.**

- Ah, é?, muge a vaca matreira,
quem dá leite a vida inteira?**
- Dou leite, queijo, coalhada,
reclamo, ninguém me paga.**



**Da gravata, a borboleta
sai voando satisfeita.**

**Gafanhoto leva um susto,
acreditando muito a custo.**

**E serve, bem rapidinho,
Guaraná com canudinho.**



OU ISTO OU AQUILO

Cecília Meireles

Ou se tem chuva e não se tem sol,
Ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
Ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
Quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
Esta ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
Ou compro o doce e gasto o dinheiro.



**Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
E vivo escolhendo o dia inteiro!**

**Não sei se brinco, não sei se estudo,
Se saio correndo ou fico tranqüilo.**

**Mas não consegui entender ainda
Qual á a melhor: se é isto ou aquilo.**



O PATO

Vinícius de Moraes

Lá vem o Pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o Pato
Para ver o que é que há

O Pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a gatinha
Bateu no marreco



**Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo**

**Comeu um pedaço
De jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo**

**Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi para panela**



O MOSQUITO

Vinícius de Moraes

O mundo é tão esquisito!
Tem mosquito.
Por que mosquito,
Por quê?
Você é o inseto mais indiscreto da criação,
Tocando fino seu violino na escuridão
Tudo de mau você reúne,
Mosquito pau, que morde e zune.
Você gostaria de passar o dia numa serraria?
Gostaria?
Pois você parece uma serraria!



O BICHO-SEM-NOME

Ricardo Silvestrin

**O Bicho-sem-nome
Foge na mata
Zomba dos homens**

**O Bicho-sem-nome
Come come come**

**Come as batatas
Come as baratas
Zomba do medo dos homens**

**O Bicho-sem-nome
Come o seu nome**



O Bicho-sem- pata

O Bicho-sem-..... pata

.....na mata vive

..... come na lata

O Bicho-sem-..... pata

..... cata cata cata



cata

cata

cata

as aranhas

as piranhas

o fundo da lata

O Bicho-sem

Pata

Cata

a sua pata



PRONOMINAIS

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.



CIDADEZINHA QUALQUER

Carlos Drummond de Andrade

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.



POESIA MATEMÁTICA

Millôr Fernandes

Às folhas tantas
do livro matemático
um Quociente apaixonou-se
um dia
doidamente
por uma Incógnita.



**Olhou-a com seu olhar inumerável
e viu-a do ápice à base
uma figura ímpar;
olhos rombóides, boca trapezóide,
corpo retangular, seios esferóides.**



**Fez de sua uma vida
paralela à dela
até que se encontraram
no infinito.
"Quem és tu?", indagou ele
em ânsia radical.**



**"Sou a soma do quadrado dos catetos.
Mas pode me chamar de Hipotenusa."
E de falarem descobriram que eram
(o que em aritmética corresponde
a almas irmãs)
primos entre si.**



**Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
E enfim resolveram se casar
constituir um lar,
mais que um lar,
um perpendicular.**



**E se casaram e tiveram uma secante e três cones
muito engraçadinhos.**

**E foram felizes
até aquele dia
em que tudo vira afinal
monotonia.**



**Foi então que surgiu
O Máximo Divisor Comum
freqüentador de círculos concêntricos,
viciosos.
Ofereceu-lhe, a ela,
uma grandeza absoluta
e reduziu-a a um denominador comum.**



**Ele, Quociente, percebeu
que com ela não formava mais um todo,
uma unidade.**

**Era o triângulo,
tanto chamado amoroso.**

**Desse problema ela era uma fração,
a mais ordinária.**



**Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
e tudo que era espúrio passou a ser
moralidade
como aliás em qualquer
sociedade.**



EU, ETIQUETA

Carlos Drummond de Andrade

**Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome...estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,**



Em minha camiseta, a marca de cigarro

**Que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam
de produto**

Que nunca experimentei

Mas são comunicados a meus pés.



**Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,**



**Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo,
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências,**



**Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,**



**Trocá-la por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,**



**Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição
Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro,
Em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente.)**



**E nisto me comprazo, tiro glória
De minha anulação.
Não sou – vê lá – anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares festas praias pérgulas piscinas,**



**E bem à vista exhibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora**



**Meu gosto e capacidade de escolher,
Minhas idiossincrasias tão pessoais,
Tão minhas que no rosto se espalhavam
E cada gesto, cada olhar,
Cada vinco da roupa
Sou gravado de forma universal,**



**Saio da estamperia, não de casa,
Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo de outros
Objetos estáticos, tarifados.**



**Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.**



A UM AUSENTE

Carlos Drummond de Andrade

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.

Houve um pacto implícito que rompestes
e sem te despedires foste embora.

Destonaste o pacto.

Denotaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.



Antecipaste a hora.

Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.

**Que poderia ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem saber ousar
porque depois dele não há nada?**



Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.

Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma Poesia. São Paulo: Record, 2001.

ANDRADE, Oswald de. Pau-Brasil. São Paulo: Globo, 2003.

CAMARGO, Dilan (Org.). Antologia do sul: poetas contemporâneos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ass. Legislativa (RS), 2001.

CAPARELLI, Sérgio. Boi da cara preta. Porto Alegre: L&PM editores, 1983.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. Porto Alegre: Editora Nova Fronteira, 1990.



MORAES, Vinícius de. A Arca de Noé. Rio de Janeiro: José Plympio, 1992.

_____. Poesia completa e prosa: "Poemas infantis". Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

QUINTANA, Mario. A vaca e o hipogrifo. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *Apontamentos de História Sobrenatural. São Paulo: Globo, 1998.*

_____. *A Cor do Invisível. São Paulo: Globo, 2006.*

_____. *Espelho Mágico. Porto Alegre: Globo, 1951.*



sketzer@pucrs.br